
CHE VUOI? Do corpo ao gozo do desejo do Outro

Ananda Encarnação¹⁵

INTRODUÇÃO

O trabalho tem por objetivo desenvolver uma discussão psicanalítica em torno do Che vuoi? (“O que queres?”), conceito proposto por Lacan para interpretar e explorar o desejo inconsciente em sua articulação com o desejo do Outro. Para isso, toma-se como método a leitura de um caso clínico, em que se busca evidenciar como a questão do desejo atravessa a posição da paciente em sua relação com as filhas e com a própria feminilidade.

À princípio, M. chega ao acompanhamento psicológico encaminhada por sua filha. A paciente, de 40 anos, dedica-se majoritariamente ao cuidado das filhas. Relata grande preocupação com a filha mais velha, diagnosticada com TEA, descrevendo-a como “diferente” e alvo de bullying na escola. Em seu discurso, utiliza com frequência os significantes “medo” e

¹⁵ Faculdade Mineira Educacional. psicoanandaecn@gmail.com

“nascer para ser mãe”, não conseguindo distinguir-se deste último. Refere – se com tenacidade realizar os seus sonhos através das filhas, associando o significado e a imagem do ser mãe ao revestimento feminino do ter fálico. Entretanto, de acordo com Marcos e Mendonça (2020) essa tentativa de sustentar-se no significante da maternidade revela impasses e contradições, que abrem espaço para problematizar o modo como M. lida com sua condição de mulher.

O desejo da feminilidade não se esgota na maternidade, tampouco em ter o filho como objeto de preenchimento da falta do falo. O ser mãe aparece de forma marcante na linguagem de M. funcionando como tentativa de identificação e sustentação do que não pôde ser simbolizado. A filha mais nova surge em seu discurso como ponto de espelhamento, unidas pelo sintoma do medo e pela obediência, sem atribuições de maiores preocupações ou desconfortos para a paciente. Em contrapartida, a filha mais velha destoa desse ideal: M. relata que, durante a gestação, ficou muito magra e sofria de enjoos, descrevendo a experiência como “estranha”. Esse termo marca um primeiro momento de desencontro com a possibilidade de identificação, inaugurando uma fissura no lugar de sentido em que M. buscava se sustentar.

O ESPELHAMENTO DO GOZO E O ESTRANHAMENTO DO OUTRO

O lugar ocupado por M. na posição de mãe revela-se atravessado por uma dinâmica de repetições que sustentam tanto o cuidado quanto o aprisionamento. O ser mãe, ao não encontrar a satisfação plena de um ganho primário, traduz-se em um ganho secundário, localizado na função de “cuidado”, assumindo o lugar de gozo e, ao mesmo tempo, anulando a dicotomia entre zelar e restringir. Esse movimento pode ser observado em sua forma de oferecer cuidados — dar às filhas aquilo que não teve, levá-las ao médico e responder de imediato às demandas — como se, nesse gesto, houvesse uma captura do desejo do Outro.

Paradoxalmente, a preocupação excessiva é acompanhada de proibição de sair, as quais m. caracteriza como forma de proteção, justificando seus atos pelo medo da violência. O cuidado excessivo é endereçado majoritariamente à filha mais velha, a qual direciona-se pelo seu nome, diferente dos outros sujeitos que reverberam em sua narrativa, refletindo na estranheza e no desconhecimento de suas repetições. Relata que, apesar do diagnóstico, a filha realiza diversas atividades de forma

independente em casa, mas que o problema é ela querer sair e desobedecer às ordens do pai.

Este endereçamento não apenas de cuidado, mas também de “doença” incumbe à filha mais velha o cuidado integral da mãe, produzindo uma espécie de simbiose materno-filial, atribuindo a posição social da mãe que provê e protege. Inversamente, o termo “proteger” é utilizado para se referir ao padrasto que a proibia de sair — processo de repetição que é rememorado em sua relação com as próprias filhas, mas que se converte em sofrimento. Nesse ponto, M. assume simbolicamente o lugar da mãe na constituição familiar que em todo o seu processo de angústia, revive e reproduz esse papel, presenciando o marido ser violento tanto com as filhas quanto com ela.

Assim, a primeira forma de devastação da mulher se inscreve na relação mãe-filha, enquanto a segunda aparece na demanda de amor dirigida a um homem. O conceito de devastação, segundo a psicanálise, ajuda a compreender esse processo ao indicar que se trata de um acontecimento de corpo vivido por sujeitos do lado feminino da sexuação, marcado pelo excesso de gozo que escapa à simbolização e não se reduz ao falo.

Esse excesso, como apontam Faria e Starling (2019), manifesta-se primordialmente na relação entre mãe e filha — já sinalizada por Freud (1931/1996a) —, mas também pode repercutir nas relações amorosas de uma mulher com um homem:

A um acontecimento de corpo em sujeitos que se encontram ao lado feminino da sexualização. Esse acontecimento sinaliza o excesso do gozo que não cessa de não se escrever, pois não é reduzido ao falo, escapando, assim, à simbolização. Localizamos tal acontecimento, primordialmente, na relação entre mãe e filha, tal como Freud (1931/1996a) havia sinalizado, podendo também repercutir nas relações amorosas que uma mulher estabelece com um homem. (FARIA e STARLING, 2019)

Diante do enunciado, é propício citar que o primeiro momento de devastação entre mãe e filha está presente na relação entre M. e sua mãe. Além da mãe biológica, F cita ter outra mãe, nominando a biológica de “mainha” e a outra mãe de “minha mãe”. A “minha mãe” responde ao local de sintoma e de gozo pela identificação da fibromialgia, alegando que parece ser mãe de sangue devido a ambas terem o diagnóstico, colando-se a “minha mãe” pela via sintomática. Não obstante, ambas as relações do que se reconhece enquanto o que é ser mulher, cede a frustração habitando esse corpo inominável, o qual tenta cessar o gozo não todo fálico pelas representações e simbolizações que

são provenientes dessas relações maternas. M. incansavelmente espera a resposta do que é ser mulher, interrogativa que não cessa de se escrever. Sendo assim, Faria e Starling (2019) parafraseiam Freud ao citar que:

Em sua conferência sobre a feminilidade, Freud (1933/1996b) afirma que a relação da menina com sua mãe carrega sentimentos ambivalentes, e que seu afastamento da mãe em direção ao pai comporta hostilidade e raiva, algo que pode perdurar por toda a vida, podendo até mesmo, ao casar-se, conceber o marido como um herdeiro da mãe e de seus conflitos carregados de ambivalência e rebeldia; por vezes, tal separação com a mãe nunca se sucede de fato. (inROCHA e JESUS, 2021)

O amor existente pelo seu marido é o fragmento do que se faz irresoluto na relação com “mainha”, encontrando uma suposta solução pela via do amor, é uma suposição para a forma de se cessar aquilo que não tem nome. Assim, o marido torna-se herdeiro das ambivalências e conflitos que são perdurados nessa relação, fazendo com que a relação com a mãe não se cesse, inscrevendo uma separação sempre adiada. Já que a mãe não responde à pergunta norteadora: “do que é ser uma mulher?” (FARIA e STARLING, 2019). A mãe por sua vez não tem acesso ao significante assim como sua filha, fazendo com que a relação de ambas se dê pelo que é irresoluto.

DO CORPO AO GOZO

M. traduz o seu sofrimento convertendo-os em sintomas físicos, seu corpo responde àquilo que não se deseja saber. Simbolicamente o seu corpo implica os sintomas psicológicos em sintomas físicos. Alega sentir muitas dores no corpo e próximas ao pulso, dificultando o momento de dormir, dormindo sempre em posição fetal e por vezes chupando o dedo para se acalmar, retorno à primeira infância, mais precisamente à fase oral. O chupar o dedo pode ser considerado uma regressão oral. Quando se fala, especialmente no tratamento, de “regressão oral”, deve-se entender, nesta perspectiva, que o sujeito reencontra no que diz e nas suas atitudes aquilo a que Freud chamou “a linguagem da pulsão oral” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1983). Inscrevendo no corpo o que é dificultoso pela via da palavra, surgindo não apenas pela representação da pulsão oral, mas também pela via da fibromialgia, a dor no corpo.

Nosologicamente, a fibromialgia tem etiologia desconhecida, sendo caracterizada por dor musculoesquelética difusa e crônica. A síndrome acomete principalmente mulheres e tem como principais sintomas a fadiga, disfunções do sono, rigidez matinal e distúrbios psicológicos, como ansiedade e depressão (Britto et al., 2014). O diagnóstico surgiu no campo da reumatologia;

entretanto, com a ausência de lesões orgânicas e o aumento das hipóteses de síndrome funcional, transtorno somatoforme ou “problema psicológico”, a psiquiatria e os profissionais da área psi passaram a se interessar progressivamente por essa patologia. (ROCHA e JESUS, 2021)

No que concerne a uma leitura psicanalítica, a fibromialgia não remete a sintomas meramente físicos a qual a medicina se toma sem que haja nenhuma relação com os mecanismos de defesa dos sujeitos. As manifestações corpóreas possuem um valor simbólico pelo que é irrepresentável na semiologia gramatical. De acordo com Rocha e Jesus (2021), trata-se de um corpo afetado pelo gozo, que quando se insere na linguagem, tem como causa o significante, existindo uma aproximação à estrutura psicanalítica da histeria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do caso de M. permite articular, ao longo de seu discurso e de sua relação com o próprio corpo, com as filhas e com o marido, a insistência de uma questão estrutural: o enigma do que é ser mulher. As manifestações corporais — traduzidas pela dor da fibromialgia e pela regressão a modos infantis de satisfação — revelam a tentativa de dar lugar, no corpo, ao que não encontra inscrição simbólica. Nesse ponto, a leitura

psicanalítica aponta que o sintoma não se restringe ao campo orgânico, mas responde à impossibilidade de se localizar plenamente no significante feminino.

A relação com a filha mais velha se apresenta como primeiro campo de estranhamento, onde a diferença introduzida pelo diagnóstico de TEA rompe a identificação imaginária e instala a experiência de alteridade que M. não consegue elaborar senão pelo excesso de cuidado e pela simbiose. O mesmo excesso aparece na relação com o marido, herdeiro das ambivalências não resolvidas com a mãe, perpetuando um ciclo de devastação que, de acordo com a psicanálise, marca o gozo feminino em sua dimensão não toda fálica.

A presença de uma “nova mãe” em seu discurso, assim como a repetição do termo “medo”, evidencia a busca constante de um Outro que possa responder à pergunta sobre a feminilidade. Entretanto, como mostram Faria e Starling (2019), essa resposta não se cessa: a devastação materna e o deslocamento da demanda amorosa permanecem em aberto, retornando em sintomas, em identificações frágeis e na tentativa de ancoragem pelo cuidado das filhas.

Assim, a trajetória clínica de M. permite sustentar que seu sofrimento circula entre corpo, maternidade e laço conjugal, compondo uma cadeia em que o gozo se inscreve como excesso que não encontra simbolização plena. A fibromialgia, nesse sentido, pode ser lida como tentativa de localizar no corpo o que resiste à linguagem, configurando-se como uma resposta à devastação que atravessa tanto a relação com a mãe quanto as repetições com as filhas e o marido. O caso, portanto, evidencia a pertinência da leitura psicanalítica do sintoma como lugar privilegiado de inscrição do impossível de se escrever, e recoloca a pergunta “o que é ser mulher?” como eixo estruturante e irresoluto do percurso de M.

É justamente nesse ponto que se sustenta a relação com o *Che Vuoi?* de Lacan: M. dirige incessantemente sua demanda ao Outro — ora às filhas, ora ao marido, ora às mães que nomeia — na tentativa de obter uma resposta sobre o que o Outro quer dela e, sobretudo, sobre o que significa ser mulher. No entanto, essa resposta nunca se conclui, pois o desejo do Outro permanece enigmático. É nesse intervalo, entre a busca de um saber no Outro e o fracasso de encontrá-lo, que se escreve sua posição subjetiva, marcada pelo sintoma, pelo gozo e pela impossibilidade de simbolizar integralmente a feminilidade.

REFERÊNCIAS:

COSTA, André Oliveira. **Os tempos da transmissão segundo a lógica de Lacan**, 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i3p499-514>

DUPIM, Gabriella Vale. **Angústia, corpo e dor: Particularidades nas escolhas amorosas**, 2014. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: https://theses.hal.science/tel-01124342/file/2014teseDupimdaSilvaG_Annexe.pdf

FARIA, Erika Vidal; STARLING, Danielle Rezende. **Devastação Feminina: O que pode uma análise?**, 2019. Stylus Revista de Psicanálise Rio de Janeiro n 155 o 38 p. 155-164.

LAPLANCHE Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**, 1983. 7a ed. São Paulo/SP: Livraria Martins Fontes.

MARCOS, Cristina Moreira; MENDONÇA, Renata Lucindo. **A disjunção mãe/mulher a partir de uma prática de conversão**, 2020. *Àgora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142020001011>

ROCHA, Tiago Humberto; JESUS, Ludmila Madeira. **Fibromialgia: Impasses da Demanda para a Clínica Psicanalítica**, 2011. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v33n3/05.pdf>